

Subjetividades gays e viadas: novas abordagens, múltiplas possibilidades

HALPERIN, David M. *How to be gay*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2012, 549p.

Mauricio Pereira Gomes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes. gomesupo@hotmail.com

How to be gay foi lançado originalmente no mercado editorial norte-americano em 2012 e reúne os resultados da experiência docente do autor desde o ano 2000, quando ele passou a oferecer o curso “Como ser gay: homossexualidade masculina e iniciação”, no Departamento de Inglês da Universidade de Michigan, sediada em Ann Harbor, nos Estados Unidos.

Já naquela época, David M. Halperin era um professor universitário de renome, com larga experiência em diversas instituições de ensino superior americanas e estrangeiras, em um vasto campo de atuação como literatura, inglês, história, teoria da sexualidade e teoria queer. Como o próprio reconhece, era previsível que o provocador nome do curso por ele escolhido fosse despertar alguma controvérsia, mas não atrair tamanha resistência e gerar o escândalo que acabou por repercutir em todos os Estados Unidos, e mesmo em outros países de língua inglesa, como a Austrália, onde ele também trabalhou em importantes universidades.

Estruturado em seis partes e vinte e um capítulos, o livro faz uma reflexão sobre a homossexualidade masculina e a identidade gay, para além de seu aspecto individual, na maioria das vezes associado ou reduzido a uma expressão da sexualidade, investindo e realçando sua condição social e cultural, defendendo, assim, a importância de uma subjetividade e uma cultura queer, como forma de resistência à ordem opressora e normalizadora ditada pela heteronormatividade (conceito formulado originalmente por Michael Warner (1991), que em diferentes espaços da obra é referenciado pelo autor).

Apesar da seriedade de seus propósitos acadêmicos, muitos de seus detratores o acusaram de estar querendo oferecer um curso para recrutar estudantes heterossexuais para seduzi-los e convertê-los ao estilo de vida gay, ensinando-os como se tornarem gays. Longe disso, Halperin explica que seu propósito era estudar como os homens gays se constituem e se reconhecem nessa condição. Desse modo, o objetivo do curso era melhor compreender como os gays resistiam à convocação de viverem e experimentarem o mundo de uma maneira heterossexual e sob a heteronormatividade, não tendo por foco a sexualidade, mas os componentes sociais e culturais envolvidos nesse aprendizado.

O autor revela que foi surpreendido pelo fato de que boa parcela dos opositores ao lançamento do curso e também à sua continuidade em edições posteriores era composta por gays, homens da geração nascida depois de 1969, ano em que eclodiram as rebeliões de Stonewall em Nova York, a partir das quais o movimento homossexual organizado surgiu e se difundiu em grandes cidades americanas e ao redor do mundo. Para esses gays, a necessidade colocada era a de sair do armário e ter orgulho de ser jovem, masculino e sexualmente ativo. Tratava-se de um ponto de vista e de uma condição geracional a partir dos quais as bichas pré-Stonewall eram rechaçadas como velhas, reprimidas, frustradas e acomodadas dentro do armário.

Ainda que integre essa geração, Halperin defende uma postura contrária, ou seja, é de opinião de que o orgulho gay deve ser celebrado, mas sem a recusa da cultura gay, que foi forjada no período anterior a Stonewall. Assim se posiciona reconhecendo a importância e a produtividade de movimentos LGBT que estão centrados na noção universalizante de identidade, mas que no seu dizer cobram o preço do apagamento envergonhado de nossa forma íntima de ser e se relacionar, nossos valores não padronizados. Em outras palavras, opta por questionar e tensionar os limites de uma identidade gay, lançando luz em experiências de vida e práticas culturais queer que desafiam aquele modelo.

Apesar dos avanços e das conquistas civis alcançadas pela luta centrada na identidade gay, persiste uma resistência à visibilidade e ao reconhecimento de uma subjetividade queer, particular e dissidente que, não obstante, embora negada, está longe de ser silenciada. Os musicais da Broadway, com seu exagero e sentimentalismo exacerbado, ainda fazem sucesso e são mais gays do que os próprios gays. Crianças que mais tarde se revelarão gays continuam nascendo em famílias heterossexuais, sendo submetidas a uma cultura heteronormativa, tendo que lidar de modo alegre ou doloroso com essa cultura hegemônica ao longo da vida, forjando uma cultura de sobrevivência e resistência.

Personagens e mesmo seriados voltados para os públicos gay e lésbico já contam com um espaço importante conquistado no *mainstream* cultural norte-americano. Ainda assim, persiste um fenômeno que consiste no sucesso de produtos culturais sem apelo gay explícito (como algumas estrelas do mundo da música, celebridades e certos produtos de consumo), mas que despertam o interesse desse público em particular – muitas vezes mais do que os programas que procuram difundir uma imagem positiva dos gays – por fornecerem alguns elementos que são apropriados e ressignificados com uma perspectiva gay.

O autor problematiza o conceito de cultura por ele tantas vezes utilizado, esclarecendo que assim procede, não imprimindo neste o sentido de algo superior e elitizado, nem adotando uma perspectiva essencialista. Pelo contrário, defende o uso da categoria não propriamente para tratar de alguns tipos de pessoas, no caso de gays brancos, de classe média e maduros, mas como uma ferramenta descritiva e pragmática, de algumas características comuns que por eles são partilhadas, sob a forma de diferentes tipos de discursos e práticas de interação social.

Interessado nessa subjetividade e cultura particular, Halperin escolhe como fonte para pesquisa alguns filmes de Hollywood, que nos Estados Unidos tradicionalmente foram o meio cultural que teve um papel decisivo na construção e difusão daquilo que se consolidou como um modo típico de ser americano(a) e de viver na América.

Apesar da expectativa criada e da amplitude do projeto proposto e delineado, *How to be gay* concentra-se principalmente na análise e discussão de uma única cena do filme *Mildred Pierce* (traduzido no Brasil como *Almas em Suplício*), de 1945, dirigido por Michael Curtis e com uma antológica atuação de Joan Crawford, que lhe rendeu o Oscar de melhor atriz.

Na cena selecionada por seu conhecido apelo gay, Joan Crawford, na pele da viúva atormentada Mildred Pierce, discute e dá um tapa em sua filha, no melhor estilo melodramático. Para Halperin, a explicação do extraordinário sucesso alcançado pelo filme, mesmo depois de muito tempo de ser lançado, em especial entre o público gay, passa pela associação nada sutil que ele incorpora entre *glamour* e abjeção, além do borramento que procede as fronteiras existentes entre a tragédia e a comédia. De um lado, o *glamour* feminino ostentado por uma das grandes divas da indústria cinematográfica de Hollywood e, de outra parte, a abjeção feminina que foi despertada pela posterior divulgação de detalhes sombrios da vida privada da atriz.

Joan Crawford adotou cinco crianças e com elas manteve uma relação distante e conturbada, longe da esperada imagem de uma mãe dedicada e amorosa. Esses aspectos da biografia da atriz se tornaram públicos um ano após sua morte, em 1978, com o lançamento da obra autobiográfica de sua filha adotiva mais velha, Cristina Crawford. Em *Mommie Dearest* (*Mamãezinha Querida*, em português), Joan Crawford é descrita como uma mãe megera, alcoólatra, controladora e violenta no trato com seus filhos. O livro tornou-se um *best-seller* e, em 1981, foi adaptado à tela grande pelo diretor Frank Perry e estrelado pela atriz Faye Dunaway, alcançando um extraordinário sucesso.

Essas duas referências cinematográficas ao lado da tradição de outrora de gays se travestirem de viúvas italianas em luto fechado, em uma festa anual realizada na colônia de férias de Fire Island, nas imediações de Nova York (em uma paródia da dor pela perda de amigos, companheiros e familiares para a AIDS), são citadas como exemplo de uma cultura gay que assume uma postura *Camp*.

A expressão, ainda sem tradução para o português, é explicada com o apoio em Susan Sontag como uma estratégia para lidar com a dominação social, promovendo o riso da própria dor de modo antecipado ao riso dos outros, em uma espécie de válvula de escape que em uma camada mais profunda desvaloriza a própria condição gay e a feminilidade a ela associada. No entanto, por outro lado, questiona e denuncia o caráter performativo das identidades sociais, patrocinando ainda um desmantelamento da hierarquia ditada pela beleza, lembrando que todas as bichas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito. Nesse sentido, Halperin afirma que toda cultura gay é permeada por uma tensão permanente entre uma ética igualitária e o culto a uma estética que estabelece hierarquias.

O melodrama presente tanto em *Almas em Suplício* como em *Mamãezinha Querida* é puro *Camp*, que atinge seu ponto alto nas cenas em que a mãe perde o controle, em uma histeria que é ao mesmo tempo a insurreição do abjeto feminino, que, rompendo com a inferioridade e o menosprezo que lhe são impostos, explode, e a transformação pelo excesso do trágico em hilário, a seriedade falha de que fala Susan Sontag (1987).

O *Camp* revela-se, assim, também como uma categoria de análise produtiva para se compreender uma cultura e uma sensibilidade peculiar na qual a feminilidade ostentada por homens gays é um modo de se afirmar determinada maneira de ser, sentir, se comportar e se relacionar desafiando um padrão de masculinidade heterossexual.

A feminilidade gay é uma formação cultural (e não somente psicológica e sexual), que comporta não necessariamente uma identificação com as mulheres e pode ser mais bem compreendida levando-se em conta o sistema de gêneros que em nossa cultura é fortemente polarizado em uma lógica binária, segundo a qual gestos percebidos como não masculinos são definidos como femininos.

Trata-se de um aprendizado que, apesar de ter início bem antes da definição do próprio desejo sexual, está sintonizado com convenções culturais que são generificadas, através das quais são aprendidos e desenvolvidos discursos e práticas socialmente reconhecidas como femininas. Já o tornar-se ou não gay envolve outro aprendizado que tem espaço na adolescência, em sintonia com práticas culturais e discursos homossexuais.

Antecipando-se às possíveis críticas de sua obra, Halperin reconhece as limitações do estudo cultural que propôs realizar, afirmando que, ao trabalhar com pequenos fragmentos de um único filme, não procurou explicar por que determinadas pessoas se tornam gays, mas, sim, contribuir para o entendimento de como elas se tornam gays. Nesse sentido, seu livro seria uma pequena mostra das possibilidades abertas para estudos culturais que proponham realizar pesquisas em torno de uma subjetividade e uma sensibilidade queer particular, dissidente.

Trata-se de uma tarefa nada fácil se considerarmos a multiplicação de possibilidades que podem se revelar infinitas, levando-se em conta os diferentes contextos, além do cruzamento de marcadores sociais da diferença. Cabe reconhecer que Halperin deixa claro que está abordando sua geração de homens gays, brancos, de classe média e que vivem em grandes cidades dos Estados Unidos. Talvez justamente por isso resista em conjugar no plural os termos cultura, sensibilidade e subjetividade gay presentes ao longo de toda a obra. A concessão que faz nesse sentido surge tardiamente, no penúltimo capítulo – *Cultura versus subcultura* –, quando identifica a subcultura com expressões de resistência a uma cultura dominante, o que deixa margem para pensarmos em uma subcultura queer que resiste a uma cultura masculina heterossexual hegemônica, mas, também, em múltiplas subculturas queers, inclusive as viadas, no caso brasileiro, que se relacionam e resistem a uma cultura gay hegemônica.

Nessa perspectiva, *How to be gay* é uma obra inspirada, aberta e traz importantes contribuições para novas pesquisas, debates e reflexões sobre as homossexualidades masculinas contemporâneas, descortinando

possibilidades para novas problematizações e abordagens em estudos culturais de produtos midiáticos populares, para além da denúncia e crítica da renitente produção e reprodução da heteronormatividade.

Reconhecendo o caráter político da produção do conhecimento que propõe, David Halperin antevê na cultura e na sensibilidade queer em geral, e na atitude *Camp* em particular, uma forma de resistência política e social. Convicto de que crianças continuarão nascendo em sociedades marcadas pela heteronormatividade, afirma que seremos queer para sempre.

Referências

SONTAG, Susan. Notas sobre Camp. In: _____. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

WARNER, Michael. *Fear of a Queer planet*. Minneapolis; London: University of Minnesota, 1993.

